Volume II

Sexta Parte – 2

Revivendo com os Antepassados na Memória da Natureza

Caminhamos de volta para a “Magna sed Apta” com grande alegria, e ali celebramos nosso recém-descoberto parentesco com uma simples refeição, desta vez fora do meu repertório. Consistia em ostras do Rules's em Maiden Lane, quando custavam seis centavos a dúzia, e cerveja preta engarrafada (a água vem a minha boca); e passamos o resto das horas que nos foram concedidos naquela noite no desenvolvimento de tais visões de como poderíamos da velha melodia “A Canção do Triste Comensal”, com sucesso variável; ela cantarolava, acompanhando-se ao piano em seu jeito magistral, como uma musicista, com uma das mãos, e vendo tudo o que eu via segurando minha mão com a outra.

Aos poucos, as cenas e as pessoas que estávamos recordando foram ficando menos turvas, e sempre que a esplêndida e importante senhora aparecia, logo identificávamos, com certeza, como Gatienne, nossa tataravó em comum – “A Bela Verriere de Verny le Moustier” – era mais distinta que as outras; sem dúvida, porque ambos tínhamos parte integrante de sua individualidade e, também, porque sua individualidade era tão fortemente marcada.

La Belle Verrière

E antes que eu fosse chamado na hora inexorável, tivemos a grata satisfação de vê-la tocar violino para uma companhia sombria de senhoras e senhores com roupas manchadas, maquiados e de peruca, que pareciam ter muito encantamento em sua atuação e, na verdade, até mesmo, de apenas ouvir os tons finos e sobrenaturais da melodia mais original e requintada, "A Canção do Triste Comensal", a um acompanhamento bastante inaudível na espineta[1] tocada por sua filha, evidentemente Anne Hérault, Condessa de Boismorinel (nascida Budes), enquanto a pequena Jeanne de Boismorinel (depois Dame Pasquier de la Mariere) ouvia com êxtase sonhador.

E, assim como Mary havia dito, ela tocava violino com o corpo para baixo e apoiado nos joelhos, como se fosse um violoncelo de tamanho reduzido. Então me lembrei vagamente de ter sonhado com tal figura quando criança.

Vinte e quatro horas após essa estranha aventura, a prática e empresarial Mary em carne e osso e com a sua empregada, tinha começado a percorrer aquela parte da França onde esses, meus ancestrais, viveram, e apenas em quinze dias ela se fez amante de toda a história de minha família francesa, e tinha visitado as diferentes casas de meus parentes que ainda existiam.

O castelo com torres dos meus sonhos infantis que, com a fábrica de vidro adjacente, ainda se chamava Verny le Moustier, era um desses. Ela o encontrou na posse de um certo Conde Hector du Chamorin, cujo avô havia comprado no início do século.

Ele construiu uma fábrica inteiramente nova e se tornou uma das primeiras fábricas de vidro do oeste da França. Mas a antiga torre, o prédio principal, ainda permaneceu, e seu capataz vivia lá com sua esposa e família.

O pombal[2] foi derrubado para dar lugar a um galpão com máquina a vapor, e todo o aspecto do lugar foi transformado; mas o riacho e o moinho de água (o último, uma simples ruína pitoresca) ainda estavam lá; o riacho era, porém, pouco mais que um

---

[1] N.T.: Espineta é um instrumento musical de cordas beliscadas, dotado de teclado, da família dos cravos.
[2] N.T.: A pomba, herdeira do columbário romano, é mais conhecida como pomba desde o século XVIII, mas o termo "pombal" pode, em sentido mais estreito, designar uma pomba em forma de torre, geralmente independente de outros edifícios.

buraco, com aproximadamente três metros de profundidade e vinte de largura, com uma margem de salgueiros trançados e amieiros retorcidos, muitos deles mortos.

Chamava-se “O Brail” e dera seu nome à propriedade de minha tataravó, de onde atribuía a trinta milhas de distância (e muitas centenas de anos atrás); mas o velho Chateau du Brail, o feudo dos Auberys, tornara-se uma casa de fazenda.

O Chateau de la Mariere, com seu parque murado e com sua bela e alta torre hexagonal, datada de 1550 e visível a quilômetros de distância, era agora uma próspera cervejaria de sidra; ainda é, e fica na estrada de Angers a Le Mans.

A velha floresta de Boismorinel, que outrora pertencera à família de Herault, ainda existia; queimadores de carvão podiam ser encontrados em suas profundezas, e um ou dois corços[3] perdidos; mas não existia mais lobos e javalis, como nos velhos tempos. E onde antes ficava o antigo castelo, agora ficava a nova estação ferroviária de Boismorinel et Saint Maixent.

A maioria dos Budes, Bussons, Heraults, Auberys e Pasquiers que ainda se encontravam no país, provavelmente parentes distantes de Mary e meus, eram advogados, médicos ou padres, ou haviam entrado para o comércio e se tornado respeitosamente desinteressantes; tais como eram, e dificilmente teriam se importado em reivindicar parentesco com alguém como eu.

Mas há cem anos ou mais, esses nomes eram importantes no Maine e em Anjou; em sua maior parte, seus títulos descendiam de ramificações mais jovens de famílias que, na Idade Média, haviam se casado com todos os melhores da França; e embora fossem menosprezados pela nobreza da corte e de Versalhes, assim como toda a nobreza provinciana, eles se mantinham bem em seu próprio país; festejar, caçar e atirar uns para os outros; dançar, brincar, fazer amor e casar; e soprando vidro, e ficando cada vez mais rico, até que a Revolução veio e os jogou com seus vidros no espaço, e muitos deles são maiores do que eles próprios, mas poucos melhores. E todos os registros deles e de suas ações, pessoas agradáveis e geniais como eram, estão perdidos e só podem ser lembrados em um sonho.

---

[3] N.T.: A corça ou corço é um mamífero artiodáctilo da família dos cervídeos que ocorre na Europa, Ásia Menor e na região ao redor do mar Cáspio

Verny le Moustier não era o menos interessante dessas velhas mansões. Fora construído há trezentos anos, no local de um mosteiro ainda mais antigo (daí o seu nome); as paredes em ruínas da velha abadia ainda existiam (e ainda existem) na horta da casa, cobertas de damascos, peras e pessegueiros, que foram semeados ou plantados por nossa antepassada, quando ainda era noiva.

O Conde Hector, que teve um grande prazer em explicar toda a história do lugar a Mary, construiu para si uma bela casa nova no que restava do antigo parque e a quatrocentos metros de distância da velha mansão. Cada quarto desta velha mansão foi mostrado a ela; e ainda restavam velhos painéis de madeira, lindamente pintados de uma maneira ultrapassada; documentos antigos, escrituras de pergaminhos e aluguéis relativos a tanques de peixes, fazendas e similares foram trazidos para sua inspeção, assinados por meu avô Pasquier, meu bisavô Boismorinel e nossa tataravó e seu marido, Mathurin Budes, o senhor de Verny le Moustier; e a tradição de Gatienne, - A bela Verriere (também apelidada de a rainha da Hungria, ao que parece) ainda existia no condado; e muitos velhos ainda se lembravam, mais ou menos corretamente, de “Le Chant du Triste Commensal”, que cem anos antes estava na boca de todos.

Dizia-se que ela era a mulher mais alta e bonita de Anjou, de vontade imperiosa e caráter muito masculino, mas imensamente popular entre ricos e pobres; de energia indomável, e envolvida em várias atividades ao mesmo tempo; mas sempre mais para o bem dos outros do que para o seu próprio – uma típica mulher francesa, administradora e profissional, e uma musicista requintada com quem podia sempre se contar.

Tal era nossa antepassada, de quem, sem dúvida, extraímos nosso amor pela música e nossa estranha, quase histérica, suscetibilidade ao poder do som; de quem tinham saído aqueles dois rouxinóis nascidos de nossa raça – Seraskier, o violinista, e meu pai, o cantor. E, por estranho que pareça, suas sobrancelhas se encontravam na ponta do nariz, assim como as minhas, e por baixo delas brilhavam os olhos luminosos, de franjas negras e azul-acinzentadas de Mary, que ofuscavam sempre que seus donos gargalhavam ou sorriam!

Durante essa viagem interessante de Mary em carne e osso, nos encontramos todas as noites no “Magna sed Apta” em espírito, como de costume; e estava pronto para participar de todos os incidentes dela.

Sentamos perto da janela mágica e tínhamos para nosso entretenimento, agora a Verrerie de Verny le Moustier em seu estado atual, todos cheios de vida moderna, cor e som, vapor e gás, como ela o vira poucas horas antes; agora o velho castelo como era há cem anos; turva e indistinta, como se vista por olhos míopes no final de uma tarde cinzenta e nublada ao final do outono, através de uma vidraça embaçada, com sombras agitadas, porém, silenciosas e movendo-se em silêncio, porque a princípio não podíamos ouvir sua fala; era muito fina para nossos ouvidos mortais, mesmo nesse sonho dentro do nosso sonho! Apenas Gatienne, o autoritário e comandante Gatienne, era vagamente audível.

Então desceríamos e nos misturaríamos com eles. Assim, em um momento, estaríamos no meio de um grupo de sombras familiares francesas antiquadas e charmosas: Gatienne, com suas adoráveis filhas gêmeas, Jeanne e Anne, e seus jardineiros ao seu redor, todas caminhando por jovens pessegueiros e damasqueiros contra o que ainda restava dos antigos contrafortes e paredes da Abadia de Verny le Moustier – tudo isso há mais de cem anos – o sol pálido de um longo meio-dia lançando as sombras mais fracas dessas sombras tênues no caminho sombrio do jardim .

Então, pronto! Mudando a cena como alguém muda um slide, nós pularíamos um século, e eis!

Outro grupo familiar francês, igualmente charmoso, no mesmo lugar, mas com as roupas de hoje, e não mais sombrio ou mudo de forma alguma.

Pequenas árvores cresceram; grandes árvores desapareceram para dar lugar a oficinas e máquinas laboriosas; mas as velhas paredes da abadia foram respeitadas, e o pai alegre e cordial, a bela mãe e as lindas filhas, todos pressionando “la belle duchesse Anglaise” com pêssegos e damascos do cultivo de sua trisavó.

Nossa trisavó

Pois essa amável família dos Chamorin tornou-se devotada a Mary em muito pouco tempo – isto é, no exato momento em que a viram pela primeira vez; e ela nunca se esqueceu de sua bondade, cortesia e hospitalidade; eles a fizeram sentir em cinco minutos como se os conhecesse há muitos anos.

Posso também declarar aqui que alguns meses depois ela recebeu de Mademoiselle du Chamorin (com uma carta encantadora) o violino idêntico que outrora pertencera a *la belle Verriere*, e que o conde Hector encontrara na posse de um velho fazendeiro – o bisneto do cocheiro de Gatienne – e tinha comprado, para que ele pudesse apresentá-lo como um presente de ano novo para sua descendente, a Duquesa das Torres.

Agora é meu, infelizmente! Eu não posso tocar; mas me diverte e me conforta ter na mão, quando bem afinado, um instrumento que Mary e eu ouvimos e vimos tantas vezes em nossos sonhos, e que tantas vezes tocou em dias passados com a estranha melodia

que teve uma influência tão grande em nossas vidas. Seu aspecto, forma e cor, cada marca e mancha eram familiares para nós antes mesmo de tê-lo visto com o olho corporal ou manuseado com as mãos físicas. Assim, veio direto para nós do passado obscuro e distante, anunciado pelo fantasma de si mesmo!

******

De volta. Gradualmente, pela prática e pela concentração de nossa vontade unificada, as figuras dos velhos tempos cresceram para ganhar substância e cor, e suas vozes tornaram-se perceptíveis; até que, finalmente, chegou o dia em que pudemos nos mover entre eles, ouvi-los e vê-los tão distintamente quanto podíamos nossos progenitores imediatos que estavam por perto – como Gogo e Mimsey, como Monsieur o Major e o resto.

A criança que andava de mãos dadas com a senhora de cabelos brancos (cujo cabelo só estava empoado) e alimentava os pombos era a minha avó, Jeanne de Boismorinel (que se casou com François Pasquier de la Marière). Era o pai dela que calçava sapatos de salto vermelho e a fazia acreditar que sabia fabricar chapeuzinhos de vidro colorido; novamente, ela estava viva dentro de mim sempre que, quando criança, eu tinha aquele sonho maravilhoso.

Eu, agora, poderia evocá-la à vontade; e com ela muitas memórias enterradas foram trazidas do nada para a vida.

Entre outras coisas maravilhosas, ouvi o senhor de salto vermelho, M. de Boismorinel (meu bisavô), cantar lindas canções antigas de Lulli e outros com a espineta, que ele tocava com charme, uma realização rara naquela época. E eis! essas melodias eram melodias que surgiam com frequência e espontaneamente em minha consciência, e eu carinhosamente tinha imaginado que eu mesmo as havia composto – um pequeno erro meu. E eis, de novo! A voz dele, fina, aguda, nasalada, mas muito simpática e musical, foi aquela voz nada diminuta que tem cantado incessantemente por mais de meio século no canto não varrido e sujo de meu cérebro, onde estão todas as teias de aranha.

Nunca uma voz diminuta

E essas teias de aranha?

Bem, logo percebi, mergulhando profundamente em minha consciência interior quando acordado e em minha labuta diária na prisão (o que deixava a Mente singularmente clara e livre), que estava cheio, bastante cheio, de ligeiras reminiscências elusivas que não eram nem da minha vida de vigília nem da minha vida de sonhos com Mary: reminiscências de sub-sonhos durante o sono e que faz parte do período da minha infância e juventude; sub-sonhos que, sem dúvida, haviam sido esquecidos quando acordei, momento em que só conseguia me lembrar dos sonhos superficiais que haviam precedido meu despertar.

Lagoas, rios, pontes, estradas e riachos, alamedas, caramanchões, moinhos de vento e de água, corredores e quartos, igrejas funcionando, feiras de aldeia, festividades, homens e mulheres e animais, tudo de outra época e de um país onde eu nunca tinha pisado, estava familiarizado com a minha lembrança. Eu tive que mergulhar fundo o suficiente

dentro de mim, e lá estavam eles; e quando a noite chegava, e o sono, e "Magna sed Apta", eu podia evocá-los novamente e torná-los reais e completos para mim e Mary.

Que essas reminiscências sutis eram as verdadeiras memórias pré-natais logo foi comprovado por minhas excursões ao passado com Mary; e a experiência dela de tais reminiscências, e a corroboração delas, foram exatamente como as minhas. Nós ouvimos e vimos seu avô tocar o "Canção do Triste Comensal" em salas de concerto lotadas, aplaudido com o eco de homens e mulheres há muito tempos mortos, enterrados e esquecidos!

Agora, acredito que tais reminiscências façam parte do subconsciente de outras pessoas, bem como do subconsciente de Mary e do meu, e que, pela perseverança na auto-pesquisa, muitos terão sucesso em alcançá-los – talvez até mais fácil e completamente do que temos feito.

É algo como ouvir os tons de uma nota musical; não os ouvimos a princípio, embora estejam lá, clamando por reconhecimento; e quando finalmente os ouvimos, nos maravilhamos com nossa estupidez anterior, tão distintos eles são.

Deixe um homem com um ouvido mediano, por mais inculto que seja, bater um Dó menor em um bom piano, mantendo o pé no pedal alto. A princípio, ele não ouvirá nada além da rica nota fundamental Dó.

Mas deixe-o ficar na expectativa de certas outras notas; por exemplo, do Dó na oitava imediatamente acima, então do Sol imediatamente acima disso, então o Mi ainda mais alto; ele vai ouvi-los todos num tempo tão claramente quanto a nota originalmente tocada; e, finalmente, um pequeno Si estridente fantasmagórico e bastante importuno nos agudos pulsará tão alto em seu ouvido que ele nunca deixará de ouvi-lo sempre que aquele Dó baixo for tocado.

Por meio desse processo, somente com infinitamente mais dores (e no final com que prazer e surpresa), com o tempo, ele se tornará consciente de uma experiência pré-natal latente e obscura que fundamenta sua própria experiência pessoal desta vida.

Também descobrimos que podíamos não apenas assistir as cenas passadas que descrevi (e eram infinitas) como meros espectadores, mas também nos identificar

ocasionalmente com os atores e deixar de ser, por enquanto, Mary Seraskier e Peter Ibbetson. Notavelmente foi esse o caso com Gatienne. Cada um de nós poderia ser Gatienne por um espaço (embora nunca ambos juntos), e quando retomamos nossa própria personalidade, carregamos consigo uma parte delas, para nunca mais se perder – um fenômeno estranho; se o leitor quiser pense nisso e constitua o germe de uma imortalidade pessoal comparativa na Terra.

Mesmo em meu trabalho na prisão, eu conseguia me lembrar distintamente de ter sido Gatienne; de modo que, por enquanto, Gatienne, uma provinciana francesa que viveu cem anos atrás, estava alegremente submetida à servidão penal em uma prisão inglesa durante a segunda metade do século XIX.

Um privilégio questionável, talvez.

Mas para compensar isso, quando ela não estava viva em mim, ela poderia ser trazida à vida por Mary (apenas uma de cada vez, ao que parecia), e viajar de trem e de barco à vapor, e conhecer o uso do gás e da eletricidade, e ler os telegramas de "nossos correspondentes especiais" no jornal ‘Times’, e saborear seu século XIX em condições mais favoráveis.

Assim, percorremos a *bela Verrière* por turnos, e ela viu e ouviu coisas com as quais ela nem sonhava há cem anos atrás. Além disso, ela foi feita para compartilhar as glórias de "Magna sed Apta".

E quanto mais a conhecíamos, mais a amávamos; ela era descendente de uma pessoa muito boa, e Mary e eu concordamos bem que não poderíamos ter escolhido uma tataravó melhor, e nos perguntamos se os nossos outros sete eram assim, pois tínhamos quinze deles entre nós, e outros tantos tataravôs.

Trinta tataravôs e tataravós tinha nos feito o que éramos; não adiantava lutar contra eles e os milhões às suas costas.

Quem entre todos eles, forte, mas gentil e tímido, e odiando a própria visão de sangue, viu escarlate quando foi despertado e teve sede do sangue de seu inimigo?

Quem entre todos eles, apaixonado e terno, mas orgulhoso, nobre e casto, e com o mundo a seus pés, ainda estava pronto para "jogar seu boné sobre os moinhos de vento" e desistir de tudo por amor, considerando o mundo bem perdido?

* * * * *